

FAMÍLIAS BRASILEIRAS NO CONTEXTO TRANSNACIONAL: FAMÍLIAS RECONSTITUÍDAS

Lúcia E. Yamamoto*

No presente artigo pretende-se abordar as estratégias de vida de famílias brasileiras que circulam pelos espaços transnacionais que, ao realizarem esse movimento, se conectam a três países: Japão, Estados Unidos e Brasil. Neste contexto, analisaremos o significado da família enquanto ideal e imaginário e a sua influência na elaboração dessas estratégias. Ainda relacionado às estratégias familiares, chegamos à conclusão de que as crianças, vistas como dependentes e deslocadas de seus ambientes pelas decisões familiares, tornam-se figuras centrais na elaboração das estratégias. São as crianças que, adaptadas ao novo ambiente, resistem às decisões familiares de retorno; ou, em alguns casos, deixadas pelos pais no Brasil, recusam-se de acompanhá-los na segunda fase da migração. A oportunidade encontrada nesses espaços transnacionais torna possível aos membros familiares se distribuírem em espaços geográficos diferentes sem se desintegrarem. **

Palavras-chave: Espaços transnacionais; Famílias transnacionais; Estratégias familiares

In the present article we will analyze how transnational Brazilian families construct ideas about “family” and how those ideas influence their family life strategies. We will focus on the Brazilian families who are moving across transnational spaces and are connecting the geographically distant countries of Japan and Brazil. Although migrant children are dependents and are brought into the host country as minors with their parents, they are central figures and have a strong influence on the family’s strategies. Migrant children, now adapted to the new environment, refuse to engage with the parent’s plans to go back home or, in the case of children left-behind, protest the idea of accompanying their parents in their second time migration. Furthermore, the family’s decision is not free of tension or conflict. Cooperation and conflict issues are negotiated inside the family, with the economic autonomy and the family roles taken into consideration.

Keywords: Transnational spaces; Transnational families; Family life’s strategies

* Pesquisadora pós-doutoranda da *Tohoku University* e do *Center for Research in International Education, Tokyo Gakugei University*, Japão. Doutora em Ciências Humanas, com especialização em Psicologia Social. Os temas centrais de pesquisas são: migração, gênero e educação.

** Este artigo foi publicado em Inglês na REMHU, ano XVI, n. 30, 2008.

Introdução

A migração dos brasileiros ao Japão inicia-se no final dos anos 80 e nos anos 90 o aumento desses migrantes torna-se evidente. Antes da reforma da Lei de Imigração Japonesa (*Japanese Immigration Control and Refugee Recognition Act*), os trabalhos desqualificados eram realizados pelos trabalhadores asiáticos ilegais, como os paquistaneses, iranianos e chineses. Essa nova Lei tornava possível aos filhos e netos de imigrantes japoneses realizarem esse tipo de serviço e excluía os asiáticos que antes ocupavam esses cargos. Desde então, os brasileiros e outros latino-americanos de descendência japonesa trabalham legalmente nas indústrias de automóvel e de componentes eletro-eletrônicos. Hoje, os brasileiros formam a terceira maior comunidade estrangeira no Japão (15% do total da população estrangeira), ficando atrás das comunidades coreana e chinesa.

Analisando os relatórios da *Japan Immigration Association Statistics*¹, os dados indicam que atualmente a população brasileira é de 312,979 pessoas. Em duas décadas, desde o início dessa migração, o número de brasileiros que obtiveram o visto de permanência aumentou, chegando a 25% do total de sua população. Entretanto, essa nova tendência está restrita a certo número de pessoas. Como os dados da *Judicial System and Research Department* apontam, os brasileiros continuam a fazer o movimento circulatório entre Brasil e Japão. Em 2006, o número de trabalhadores brasileiros que entraram no Japão foi de 56,414 pessoas. Desses, 44% estava entrando pela primeira vez, e 56% pela segunda ou mais vezes. É esta a população que tem circulado pelos dois países. Esse movimento circulatório feito pelas famílias brasileiras tem sido descrito pelos pesquisadores como “imigração sem intenções imigrar” (*Teijuka naki teiju*). Takamichi Kajita² indica que, apesar do longo período vivendo no Japão, as famílias dos trabalhadores brasileiros não têm intenções de se fixarem no país, assim como não sabem por quanto tempo permanecerão no país. A instabilidade econômica e social vivida pelos brasileiros no Japão os desencoraja a se envolverem com a comunidade local ao mesmo tempo em que os impele a continuar nesse movimento circulatório.

A migração circulatória das famílias brasileiras ocorre nos espaços onde o empreendedorismo étnico, os serviços de telefonia internacional, a mídia étnica (jornais, revistas, televisão) e os serviços de bancos estão estabelecidos. Nesses espaços, as famílias continuam a manter vínculos com os familiares deixados no país de origem, graças aos meios de comunicação avançados e acessíveis como a internet e o *skype*. Entretanto, mesmo os aparelhos mais avançados não conseguem suprir a ausência física de entes queridos. No artigo publicado pela revista *Istoé*³ em 1997 sobre os migrantes brasileiros no Japão, há relatos da dor sentida pelos filhos deixados no Brasil aos cuidados de parentes e da desestruturação familiar decorrente da migração. Apesar dos custos emocionais, muitas famílias transnacionais são bem sucedidas.

Como essas famílias constroem e mantêm os laços familiares? Deborah Bryceson e Ulla

¹ JUDICIAL SYSTEM AND RESEARCH DEPARTMENT. *Annual Report of Statistics on Legal Immigrants*.

² KAJITA, Takamichi. *Shin Kokusaishakai gaku*. Transnational, global Sociology.

³ VITÓRIA, Gisele. *A ilusão do sol nascente*.

Vuroela⁴ indicam que, a separação entre os membros familiares faz com que os mesmos construam intencionalmente a idéia de família e sua função emocional e econômica. “As tradições familiares e as necessidades individuais são contrabalanceadas com as necessidades práticas das lógicas espaciais e temporais vividas pelas famílias transnacionais. Em suma, as famílias transnacionais não são formadas somente por laços consangüíneos, e nem são entidades fixas”.

O presente artigo analisará como as famílias transnacionais constroem idéias sobre família e como essas idéias estariam influenciando nas estratégias familiares. Focalizaremos nosso estudo nos casos das famílias que se movimentam nos espaços transnacionais, conectando países geograficamente distantes, como o Brasil e Japão.

Enquadramento teórico: Famílias transnacionais

O modelo econômico de migração *push-pull* tem sido utilizado entre os estudiosos e, ao mesmo tempo, criticado pela sua limitação ao tentar explicar os motivos que levam algumas pessoas a migrar e outras não. Uma vez iniciada a migração, este processo tende a continuar, mesmo havendo mudanças nas condições econômicas dos países receptores e de origem. O fenômeno migratório é geralmente considerado como um evento único na vida do migrante e determinado pelas condições sócio-econômicas dos países. Entretanto, uma vez iniciada a migração, a combinação das estruturas sociais pré-existentes e com as novas redes sociais esse movimento perpetua entre os países.

Gunnar Malmberg⁵ aponta para uma outra perspectiva de análise na medida em que considera a migração como sendo uma resposta às mudanças sociais. As mudanças bruscas nas condições sociais e econômicas dos países do Terceiro Mundo criam novas formas de ajustes e de estratégias de vida nas áreas rurais e urbanas, incluindo novas formas de organização social, tecnológica e política. Para responder a essas novas mudanças, a emigração é uma das opções entre tantas outras possíveis, como permanecer no país ou migrar dentro do próprio país. Considerando esta perspectiva de análise, o presente estudo enfocará no ciclo de vida das famílias brasileiras transnacionais e nas suas estratégias de vida.

Estratégias das famílias transnacionais

Como as famílias transnacionais elaboram as estratégias de vida e quais são as vantagens econômicas alcançadas pelas famílias que têm seus membros dispersos em espaços geográficos diferentes? Para responder a essas questões, primeiramente necessitamos conceituar o termo estratégia de vida, o que não é uma tarefa fácil. Graham Crown⁶ chama a atenção para o fato de o termo estratégia de vida não ter uso uniforme entre os estudiosos. Segundo Crown, isso ocorre, pois muitos adotam o termo como se fosse um termo prático. De modo geral, o termo estratégia implica

⁴ BRYCESON, Deborah; VUROELA, Ulla. *The transnational family*. New European frontiers and global networks.

⁵ MALMBERG, Gunnar. *Time and space in international migration*.

⁶ CROW, Graham. *The use of the concept of 'strategy' in recent sociological literature*.

racionalidade nas ações e é estruturada em situações sociais previsíveis. Dessa forma, o uso do termo estratégia implica consciência, decisão racional envolvendo uma perspectiva de longo prazo.

Importante debate em relação ao termo estratégia tem sido feito em torno da relação entre esse termo e racionalidade. No presente estudo não se pretende discutir estratégia de vida em termos teóricos, mas utilizá-la como instrumento na compreensão de como as famílias respondem às mudanças sociais e na categorização dos padrões de estratégias de vida tomadas pelas famílias.

Usaremos o termo estratégia de vida como a maneira pela qual as famílias, para se manterem, organizam-se econômica, física e socialmente. Por exemplo, em Hong-Kong, onde a educação e os títulos obtidos no exterior têm grande validade, as famílias de elite de Hong-Kong, preocupadas com a qualificação educacional de seus filhos, os enviam para estudar no Canadá, Cingapura, Estados Unidos. Em alguns casos, as mães vivem com seus filhos no exterior, enquanto os pais permanecem em Hong-Kong ou vivem em outras partes da Ásia. As mães vivem fora de seu país, não somente para dar suporte aos seus filhos, mas também para obter o visto de residência nesses países, garantindo as oportunidades econômicas asseguradas aos seus cidadãos. Como Johanna Walters⁷ indica, a migração onde os membros familiares se dispersam em diferentes países torna possível às famílias de Hong-Kong maximizar o acúmulo de capitais.

Focalizando o estudo nas estratégias das famílias transnacionais, a questão que surge é, como os membros dispersos em diferentes pontos geográficos mantêm-se fiéis aos propósitos da família? Joanna Walters⁸ coloca que o sucesso alcançado pelas famílias transnacionais chinesas está calcado na sua estrutura patriarcal. O conceito de obediência familiar estabelecido, incluindo o conceito de respeito filial, é o que torna possível às famílias ter sucesso no acúmulo de capitais.

Por outro lado, o estudo realizado por Jason Pribilsky⁹ com casais equatorianos, cujos maridos vivem nos Estados Unidos, demonstrou que o sucesso econômico que a família pode atingir depende da habilidade do casal de lidar com os dramas referentes aos papéis sociais e imaginar a vida familiar sendo vivida em um só espaço físico. A ausência dos maridos que trabalham em Nova Iorque influencia nos papéis sociais e no comportamento de suas esposas, assim como a ausência delas influencia nas atitudes de gênero dos maridos.

Apesar de Johanna Walters e Jason Pribilsky enfatizarem diferentes fatores do sucesso dessas famílias transnacionais, ambos lidam com um denominador comum, i.e., a idéia de família como um conceito intencionalmente construído.

Metodologia

Para atingir os nossos objetivos, coletamos os dados através da história de vida das famílias e

⁷ WALTERS, Joanna L. Transnational family strategies and education in the contemporary Chinese diaspora, p. 363.

⁸ *Ibidem*

⁹ PRIBILSKY, Jason. “‘Aprendemos a conviver’: conjugal relations, co-parenting, and family life among Ecuadorian transnational migrants in New York City and the Ecuadorian Andes”.

analisamos as suas estratégias de vida. As histórias remontam à vida familiar antes da decisão de migrar aos dias atuais no Japão e/ou no Brasil. Os dados aqui apresentados foram coletados por meio de entrevistas e trabalho de campo realizados com 17 famílias, durante os anos de 1999 a 2004 e 2007 (vide tabela 1). Os dados foram colhidos em três diferentes cidades do Japão: Oizumi, província de Gunma; Soja, província de Okayama e Tagajo, província de Miyagui. Oizumi é conhecida pela grande concentração de brasileiros. Já em Soja e Tagajo, a concentração de brasileiros quase não se destaca. Acompanhamos as famílias no Japão e no Brasil durante cinco anos. Os respondentes foram entrevistados em suas residências, local de trabalho e algumas vezes em lugares públicos como lanchonetes e restaurantes. Cada entrevista teve duração de duas a três horas e foi realizada em português. Todas as perguntas das entrevistas foram abertas. Os entrevistados foram encorajados a falar livremente sobre as experiências de vida, sobre o trabalho antes e depois da migração ao Japão. Os dados empíricos foram complementados com estatísticas oficiais, dados de sites da internet, artigos de revistas e jornais, assim como observações realizadas nas comunidades brasileiras.

Tabela 1 Dados sobre as famílias brasileiras

Província de Gunma, Oizumi	Número de filhos (as)	Ocupação do chefe de família	Descendência japonesa do chefe de família (geração)	Estrutura familiar
1. Nihei	5	aposentado	segunda	Família nuclear
2. Nishida	4	Administrador da cooperativa de agricultura	segunda	Família nuclear
3. Kay	2	Funcionário de escritório	terceira	Família nuclear
4. Mizawa	3	Pequeno empresário (padaria)	segunda	Família nuclear
5. Ueda	2	Pequeno empresário (comércio de secos e molhados)	segunda	Família nuclear
Província de Okayama, Soja				
6. Taniguchi	6	Pequeno empresário (relojoaria)	segunda	Família nuclear
7. Ogura	-	Pequeno empresário	segunda	Família extensa

		(agricultor)		
8. Nakamura	7	Pequeno empresário (comércio de secos e molhados)	primeira	Família nuclear
9. Tsuruoka	2	Pequeno empresário (agricultor)	segunda	Família nuclear
10. Kameoka	3	Pequeno empresário (agricultor)	segunda	Família nuclear
11. Minoura	3	Pequeno empresário (agricultor)	segunda	Família nuclear
12. Uchida	7	Pequeno empresário (agricultor)	terceira	Família nuclear
13. Miyake	3	Pequeno empresário (motorista de táxi)	segunda	Família nuclear
Província de Miyagi , Tagajo				
14. Silva	3	Pequeno empresário (lanchonete)	não-descendente	Família nuclear
15. Igaki	2	Pequeno empresário (comércio de secos e molhados)	segunda	Família nuclear
16. Hashiba	4	Pequeno empresário (transportadora)	segunda	Família extensa
17. Taira	6	Pequeno empresário (agricultor)	primeira	Família nuclear

Analisamos o fenômeno migratório dos brasileiros ao Japão no nível meso. Durante esses anos de pesquisa, foi possível colher dados das famílias nas diferentes fases da vida e acompanhar como as estratégias de vida foram sendo tomadas durante as diferentes fases.

Estratégias das famílias brasileiras contextualizadas nos espaços transnacionais

Para que a família pudesse atingir os objetivos, seus membros escolhem estrategicamente a pessoa mais adequada para migrar. Através da análise da relação entre o ciclo de vida das famílias

entrevistadas e seus propósitos de migração, descreveremos como foi feita a decisão de migrar. Levando em consideração o ciclo de vida da família, classificamos as famílias em quatro períodos. No primeiro período incluímos as famílias que não tinham filhos. No segundo, famílias com filhos na faixa etária de zero a quatorze anos. No terceiro, famílias com um dos filhos em idade de trabalho, e quarto, famílias com filhos independentes. Com base nessa classificação foi possível observamos alguns padrões nas estratégias tomadas pelas famílias. Por exemplo, nas famílias sem filhos a tendência é o casal migrar junto. A família Ogura é um exemplo. Logo que se casaram, foram ao Japão com planos de economizar o suficiente para comprar a casa e investir em negócios. Anos depois de terem adquirido o imóvel, o casal continua trabalhando no Japão, agora com planos de investir em outros projetos.

Estudo de caso 1 - Família Ogura

O casal Ogura vai ao Japão pela primeira vez em novembro 1991, através de uma agência de viagens. No Japão são recrutados para trabalhar numa fábrica de automóveis na província de Okayama. Atualmente o casal continua no mesmo emprego e vivendo na mesma cidade. Desde que foram ao Japão, conseguiram realizar uma parte do sonho; a casa própria. Conversando a respeito dos sonhos, a esposa Joana faz o seguinte comentário:

Nossa família sempre foi humilde. Depois de ter a casa própria, agora a gente está buscando a realização espiritual. Não é ganância de ganhar dinheiro (...) A gente tem que fazer alguma coisa que nos dê satisfação pessoal, sentir importante. Eu quero construir uma fábrica (...).Conseguindo isso, estaria me realizando totalmente. Isso é que me motiva a continuar a trabalhar no Japão. [E quanto ao retorno?] Não pretendo voltar ao Brasil tão cedo. Vou ficar enquanto tiver emprego no Japão.¹⁰

No caso das famílias no segundo período, a tendência é o pai migrar sozinho na primeira fase da migração. Esses são os casos das famílias Ueda, Miyake, Hashiba e Kay. Os pais vão trabalhar no Japão com o objetivo de economizar o suficiente para comprar imóveis, terras e investir em negócios próprios. Apesar de terem atingido seus objetivos através do trabalho temporário no Japão, o movimento dessas famílias em direção ao Japão não cessa. São elaborados novos projetos e novos objetivos, formando uma corrente migratória que envolve todos os membros familiares. Um exemplo é o caso da família Miyake. Mesmo depois de terem adquirido a casa própria, os membros familiares continuam o movimento em direção ao Japão. Podemos dizer que, a segunda fase migratória foi possível no momento em que um dos filhos atingiu a idade de trabalho. Na segunda fase da migração, todos os membros da família Miyake vão juntos ao Japão, agora com o propósito de investir em um negócio próprio.

Outro caso que podemos mencionar é o da família Hashiba. O pai da família Hashiba, senhor Raul, vai ao Japão sozinho pela primeira vez. Devido a problemas de saúde não consegue

¹⁰ Entrevista realizada com senhora Joana, Okayama, agosto de 99.

realizar seus objetivos e resolve voltar ao Japão pela segunda vez. Na sua terceira viagem ao Japão vai acompanhado da esposa, senhora Mitiko. Os quatro filhos do casal são deixados no Brasil aos cuidados dos tios. No ano seguinte, os pais retornam ao Brasil para levá-los ao Japão. Como o plano era o de economizar o máximo, os filhos em idade de trabalho ajudam na economia familiar, trabalhando na fábrica de alimentos como seus pais.

Apesar das decisões familiares parecerem harmoniosas, devemos ressaltar que nem sempre são. Como podemos ver no caso da família Hashiba, há ressentimentos por parte dos filhos deixados no país. Apesar de cooperar com a família, a filha mais velha do casal não esconde seu ressentimento com a mãe, que partiu pela primeira vez ao Japão deixando os filhos. A narrativa abaixo descreve esses sentimentos.

Estudo de caso 2 - Família Hashiba

Mari, a filha mais velha do casal Hashiba, fala sobre a experiência de ter vivido com seu tio. Ela diz que quando se sentia revoltada pela ausência da mãe, seu tio dava-lhe conselhos. Mas, geralmente ela o ignorava. Ela dizia ao seu tio:

Minha mãe que é minha mãe nos abandonou, porque você está aí ainda?. [Senhora Mitiko, surpreendida com a fala de sua filha, diz] Eu tive que deixar meus filhos porque não tive opção. Mas contratei os serviços de empregada e tudo mais. Eles não precisariam fazer nada.¹¹

Os projetos migratórios geralmente são de curto prazo, mas o que se verifica na prática é que as famílias estão permanecendo no Japão além do que planejavam. Famílias em que todos seus membros migraram juntos ou que vieram a se integrar estão passando a fixar-se no Japão, apesar de sempre planejarem um dia voltar a viver no Brasil. Conseqüentemente, essas famílias vivem no Japão como cidadãos temporários. Assim como pensam os brasileiros no Japão, pensavam também os imigrantes japoneses que foram ao Brasil no início do século vinte: de um dia retornar ao seu país. Takashi Maeyama¹² coloca que no início da migração japonesa, os migrantes consideravam a si próprios como visitantes no Brasil. Tão logo fosse possível, deixariam o país. Entretanto, muitos deles nunca chegaram a retornar ao Japão.

Fazem parte do próximo grupo famílias que têm filhos em idade de trabalho. Incluímos nesse grupo as famílias Silva, Taira, Igaki, Kameoka e Minoura. Em algumas dessas famílias, todos os membros migram juntos, ou nos casos das famílias de agricultores, somente parte dos membros familiares, como por exemplo, o pai e um dos filhos ou filhas em idade de trabalho.

No primeiro caso, após a família alcançar os objetivos, seus filhos adultos iniciam uma nova corrente migratória, agora para realizar seus próprios objetivos, como comprar uma casa, um carro. Por exemplo, o caso da família Silva. A família era de comerciantes e trabalhavam com lanchonete.

¹¹ Entrevista realizada com a família Hashiba em Tagajo, julho de 99.

¹² MAEYAMA, Takashi. “Senzo, tenno, imin – san pau-ro-shu no noson ni okeru nikkeijin (1908-1950)”.

A família toda resolveu deixar Dourados, MS, quando o comércio já não dava lucros. O projeto era o de, em curto tempo, economizar o suficiente para comprar uma casa. Três anos depois, retornam ao Brasil. Tão logo compram a casa, os filhos retornam ao Japão, agora cada qual para realizar seus próprios objetivos.

No segundo caso, pai e filhos (as) da família de agricultores são os que primeiramente migram. Os demais membros familiares deixados no país são responsáveis pela manutenção dos negócios familiares.

Estudo de caso 3 - Família Kataoka

Em 1991, quando o pai da família Kataoka planeja trabalhar no Japão, Marina, a filha mais velha, decide ir junto. Os demais filhos permanecem no Brasil dando o suporte para que a mãe continuasse administrando a lavoura. Marina não trabalhava quando resolveu deixar sua cidade. Migrar foi uma oportunidade para que pudesse cooperar economicamente com sua família e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para se tornar independente financeiramente. (Entrevista realizada com Marina em Paraná, julho/2000).

No caso das famílias com filhos em idade adulta, os projetos de migração são um pouco diferentes. São os filhos independentes que iniciam a corrente migratória, e seus projetos são de, além de poupar para comprar uma casa, ganhar experiência profissional e de vida vivendo no exterior. As filhas solteiras que migram sozinhas têm o respaldo dos familiares. Como no caso da família Taniguchi, o pai, antes de aprovar a ida de suas duas filhas ao Japão, conversa diretamente com o responsável pela empresa no Japão para confirmar se a empresa que as contratava era realmente idônea.

Estudo de caso 4 - Família Taniguchi

Akina Taniguchi estava com 23 anos quando resolveu deixar o Paraná. Começou a trabalhar na relojoaria de seu pai depois que terminou a faculdade de Matemática. Desde que se formou, Akina sentia-se perdida. Em 1991, quando sua irmã mais velha sugeriu ir ao Japão, Akina concordou. Diz ela: “Ir ao Japão foi uma moratória para mim”.¹³

Apesar de as filhas contribuírem com a força de trabalho nos negócios familiares, raramente participam na partilha da herança familiar. Para algumas desses casos, a migração ao Japão representou uma oportunidade para adquirir independência financeira.

Apesar do elevado nível escolar das filhas das famílias entrevistadas, muitas fizeram pouco ou nenhum uso de seus conhecimentos adquiridos no Brasil ao realizarem trabalhos nas fábricas de automóveis ou de componentes eletrônicos. Para muitas delas, esta era a primeira experiência de

¹³ Entrevista realizada com Akina em Soja, junho de 2000.

trabalho em fábrica e significou uma queda na mobilidade social e ocupacional. Muitas se mantiveram nesses empregos, pois os consideravam temporários e rentáveis. Em pouco tempo conseguiam poupar o desejado, e não se incomodavam caso a migração se prolongasse um pouco mais. Para muitas, esse trabalho desqualificado era considerado temporário, assim como sua migração ao Japão.

Famílias reconstituídas

Audrey Kobayashi e Valerie Prestont¹⁴ indicam o paradoxo que há nas estratégias das famílias transnacionais. Para atingir o objetivo de prosperidade familiar, para manter a família fortalecida e unida, os membros familiares distribuem-se em espaços geográficos diferentes. Neste artigo, analisando as estratégias familiares nos diferentes estágios do ciclo de vida, podemos dizer que a família, já não vista somente como uma unidade, toma formas e significados diferentes, ajustando suas necessidades às oportunidades de trabalho e de educação que há nos países receptores e nos países de origem. Neste sentido, não há paradoxo se priorizarmos o fato de que a família consegue manter-se funcionalmente, tanto do ponto de vista social e afetivo quanto econômico.

O caso da família Silva é um exemplo concreto de como a idéia de família foi se transformando neste processo migratório. Para que a família Silva obtivesse sucesso no seu empreendimento econômico, os dois filhos adultos também colaboraram com seus salários. E, para que houvesse harmonia entre os filhos que contribuem e os que não, aos filhos que trabalhavam era dado o direito de participar das decisões a serem tomadas dentro da família, como por exemplo, o ingresso do filho mais novo ao ginásio japonês. Para que o objetivo dessa família pudesse se concretizar era necessário que seus membros se mantivessem unidos e convencidos de seus papéis. Dona Júlia, a mãe, narra como fazia para manter a união entre irmãos.

Não é justo gastar só com um filho. Os outros estão deixando de estudar para trabalhar. A Ana [sua filha] me ajuda com a metade do salário. O Rodrigo [filho mais velho] também. Apesar de, no final do mês, ele me pedir dinheiro. Tenho que decidir, com os dois, se devemos gastar ou não com o ginásio.¹⁵

Depois de realizarem o sonho da casa própria, a família parte novamente ao Japão, agora para realizar os projetos individuais. As metas de cada um são narradas da seguinte forma:

[César, o filho mais novo] Queria voltar para Miyagi e arranjar um serviço bom. Um serviço que tivesse um bom salário. Uns 200 mil ienes (cerca de 1.500 dólares) seria um bom salário. Eu compraria um carro, voltaria (para o Brasil) uma vez para fazer a compra e depois voltaria para o Japão para comprar uma casa e nunca mais voltaria para o Japão.

[Ana, a filha] Eu quero trabalhar com qualquer serviço, menos *obentoya* (fábrica de alimentos).

¹⁴ KOBAYASHI, Audrey; PRESTONT, Valerie. *Transnationalization through the life course: Hong Kong immigrants in Canada*.

¹⁵ Conversa informal com dona Júlia, em Tagajo, Japão, novembro de 98.

O lugar pode ser perto do Rodrigo [irmão mais velho]. Queria trabalhar com componentes eletrônicos. [Por quê?] Porque ganha mais.

[o casal Silva] A gente pensa em ficar mais ou menos uns dois anos. Depois voltaremos sozinhos para o Brasil.¹⁶

Estratégias familiares e a educação escolar

Acompanhando as escolas onde estudavam os filhos de algumas famílias entrevistadas, verificamos que o número de alunos brasileiros era inconstante durante o ano letivo. Alguns retornaram ao país durante o período escolar, outros foram transferidos para outras escolas, devido à mudança de emprego dos pais. Essas constantes mudanças dificultam o aprendizado dessas crianças. No caso da escola que visitamos durante o ano letivo de 2003, no primeiro semestre tinham sido matriculados 28 alunos brasileiros. Antes do término do semestre, dois alunos são transferidos para a escola particular brasileira e uma aluna vem transferida da escola particular brasileira para a escola pública japonesa. No segundo semestre, a mesma aluna que havia sido transferida da escola particular brasileira volta ao Brasil, um aluno ginásial abandona a escola, uma aluna é transferida da escola particular brasileira para a japonesa e cinco alunos vêm transferidos das escolas públicas japonesas de outros municípios. Abaixo, ilustro um caso que descreve bem a mobilidade dos alunos entre as escolas.

Case study 6 - Ronaldo

Ronaldo foi ao Japão pela primeira vez acompanhando sua mãe e irmã mais velha. No Brasil, estava na primeira série do primário, chegando ao Japão, foi matriculado nessa mesma série. Tendo dificuldades em se adaptar na escola pública japonesa, seus pais o transferem para uma escola particular brasileira. Dois anos mais tarde, os pais, sem muitas condições de mantê-lo na escola particular, o transferem novamente para escola pública japonesa. Em 2003, Ronaldo estava na quinta série, mas tinha muitas dificuldades na leitura dos *kanjis* (caligrafia chinesa) e no entendimento de textos. Apesar de o professor apontar as dificuldades de Ronaldo, sua mãe acredita que seu filho tem condições de melhorar nos estudos, pois constantemente faz as traduções para ela quando precisa ir ao hospital, à prefeitura, demonstrando assim ter habilidades na língua japonesa.

Essas constantes mudanças dificultam não só o aprendizado dessas crianças como também torna difícil um planejamento de ensino. Os professores que acompanham esses alunos sentem-se desorientados com as atitudes ambíguas dos pais em relação ao futuro de seus filhos. A incerteza de que a família vai permanecer ou não no país, faz com que alguns professores não se sintam muito motivados a se dedicar aos seus alunos brasileiros. Como um professor nos colocou: “apesar dos

¹⁶ Entrevista com a família, Dourados, julho de 2000.

nossos esforços em ensinar a este aluno, um dia ele vai voltar ao seu país”. Como a pesquisa realizada por Kenise M. Kilbride¹⁷ tem demonstrado, a baixa expectativa dos professores em relação ao desempenho de seus alunos reflete na forma como os alunos percebem o seu próprio desempenho escolar. Dessa forma, podemos dizer que a baixa expectativa do professor influencia na falta de motivação de seu aluno em se desempenhar bem academicamente.

A falta de incentivo também é vista dentro das famílias brasileiras. Os pais, céticos em relação ao futuro escolar de seus filhos, muitas vezes não os incentivam a seguir nos estudos. Muitos pais consideram impossível seus filhos ingressarem numa universidade japonesa. Como disse uma das mães entrevistadas: “Se já é difícil para uma criança japonesa passar no vestibular das universidades, vai ser impossível para os meus filhos”. Muitos pais estão satisfeitos com o nível ginásial que seus filhos possam atingir.

Por outro lado, vemos casos de famílias entrevistadas que, mesmo com planos de retorno, matriculam seus filhos nas escolas japonesas como forma de garantir uma educação contínua. Nesses casos, as crianças, adaptadas a educação japonesa, recusam-se a acompanhar seus pais de volta ao Brasil. Essas famílias vivem o constante conflito de estarem sempre prontas a deixar o Japão, ao mesmo tempo em que vão criando vínculos com esse país.

As incertezas e os conflitos vividos por essas famílias geralmente são interpretados por alguns estudiosos como uma falta de planejamento. Entretanto, como a pesquisa realizada por Edson Urano¹⁸ indica, o mercado de trabalho japonês flexível e instável dificulta o planejamento, sendo os trabalhadores transferidos ou dispensados, conforme as necessidades da produção. Isto torna quase que impossível um planejamento a médio e longo prazo.

Considerações finais

Os resultados das entrevistas realizadas demonstraram que, a migração ao Japão inicialmente planejada para um período curto de um a dois anos, com a contínua instabilidade econômica no país de origem, muitos estão protelando seu retorno. As famílias estão permanecendo no Japão mais do que planejavam. Famílias que se reuniram após a vinda de um dos membros familiares, estão se fixando no país, apesar de inicialmente não ter sido essa a intenção. As famílias em que todos os membros migraram juntos continuam a circular entre dois países, na perspectiva de atingirem os novos objetivos de vida. Em ambos os casos, as famílias não estão ocupando novos cargos ou novos empregos. Algumas famílias mudam de empregos várias vezes, mas sempre ocupando trabalhos desqualificados.

As famílias de classe média entrevistadas, apesar de terem tido uma queda na posição social,

¹⁷ KILBRIDE, Kenise M. *A review of the literature on the human, social and cultural capital of immigrant children and their families with implications for teacher education.*

¹⁸ URANO, Edson. *Duas décadas do fenômeno dekassegui: reflexões sobre a necessidade de uma agenda social transnacional.*

acreditam que essa perda é temporária. A migração ao Japão é vista como uma boa experiência de vida e um bom investimento econômico. Esse pensamento é expresso nas palavras do senhor Mizawa. “A experiência de vida é mais importante do que a educação. A educação não é suficiente para se alcançar uma vida melhor”.

Encontramos uma tendência semelhante na atitude dos pais em relação à educação de seus filhos. Muitas famílias brasileiras não vêem a educação japonesa como uma forma de seus filhos alcançarem sucesso profissional na sociedade japonesa. Dificuldades em relação ao aprendizado e os planos familiares de um dia retornar ao Brasil desestimulam as crianças a continuar estudando nas escolas japonesas. A educação não é vista como uma das estratégias para a família ascender socialmente.

Em relação às mulheres com um elevado nível educacional, podemos dizer que elas racionalizam o *status* social que tinham no Brasil e o adquirido no Japão. Quando retornam ao Brasil, a expectativa familiar é a de que constituam logo uma família. Mesmo retornando às suas famílias de origem, já não encontram seu espaço, necessitando ajustar-se à nova situação. Neste estágio, elas experienciam um sentimento de incompatibilidade em relação às expectativas familiares e as experiências adquiridas no processo migratório.

Ainda em relação às estratégias familiares, chegamos à conclusão de que as crianças, vistas como dependentes e deslocadas de seus ambientes pelas decisões familiares, tornam-se figuras centrais na elaboração das estratégias. São as crianças que, adaptadas ao novo ambiente, resistem às decisões familiares de retorno, ou em alguns casos, deixadas pelos pais no Brasil, recusam-se de acompanhá-los na segunda fase da migração. Nesse sentido, podemos dizer que as estratégias tomadas pelas famílias não são isentas de conflitos entre os desejos individuais e grupais. Esses conflitos levam seus membros a renegociarem as forças de poder de decisão existentes no interior das famílias.

Bibliografia

- BRYCESON, Deborah; VUROELA, Ulla. *The transnational family*. New European frontiers and global networks. Oxford: Berg, 2002.
- CROW, Graham. “The use of the concept of ‘strategy’ in recent sociological literature”. *Sociology*, v. 23, n. 1, 1989, p. 1-24.
- JUDICIAL SYSTEM AND RESEARCH DEPARTMENT. *Annual Report of Statistics on Legal Immigrants*. Tokyo: Okurasho Insatsukyoku, 2007.
- KAJITA, Takamichi. *Shin Kokusaishakai gaku*. Tansnational, glocal sociology. Nagoya: Nagoya Daigaku Shuppan, 2005.
- KILBRIDE, Kenise M. *A review of the literature on the human, social and cultural capital of immigrant children and their families with implications for teacher education*. CERIS Working

- Paper Series, n. 13, 2000. Available at: www.canada.metropolis.net. Accessed on: 08/02/2005.
- KOBAYASHI, Audrey; PRESTONT, Valerie. “Transnationalization through the life course: Hong Kong immigrants in Canada”. *Asia Pacific Viewpoint*, v. 48, n. 2, 2007, p. 151-167.
- MAEYAMA, Takashi. “Senzo, tenno, imin- san pauroshu noson ni okeru nikkeijin (1908-1950)”, in _____ (ed.). *Esunishiti to burajirujin nikkeijin – Bunkajinruigakuteki kenkyu*. Tokyo: Ocha no mizu shobo, 1996, p. 31-68.
- MALMBERG, Gunnar. “Time and Space in International Migration”, in HAMMAR, Tomas et al. *International migration, immobility and development*. Oxford/New York: Berg, 1997, p. 21-48.
- PRIBILSKY, Jason. “‘Aprendemos a convivir’: conjugal relations, co-parenting, and family life among Ecuadorian transnational migrant in New York City and the Ecuadorian Andes”. *Global Networking*, v. 4, n. 3, 2004, p. 313-334.
- URANO, Edson I. “Duas décadas do fenômeno de kassegui: reflexões sobre a necessidade de uma agenda social transnacional”. Artigo apresentado no *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro – A questão social no novo milênio*. Universidade de Coimbra, Portugal. 16-18 de setembro, 2004.
- VITÒRIA, Gisele “A ilusão do sol nascente”. *IstoÉ*, agosto 20, 1997, p. 67-70.
- WALTERS, Joanna L. “Transnational family strategies and education in the contemporary Chinese diaspora”. *Global Networks*, v. 5, n. 4, 2005, p. 359-377.